

Capítulo I

Certa manhã, um homem novo e arrapazado entrou numa livraria e pediu para falar com o dono. O seu pedido foi prontamente atendido. O livreiro, um velho de figura veneranda, lançou um olhar incisivo ao homem um tanto acanhado que tinha diante de si e deu-lhe sinal para que falasse. «Quero ser livreiro», disse o juvenil principiante, «é um desejo que tenho e não sei de nada que pudesse impedir a sua concretização. Desde sempre imaginei que o negócio dos livros seria encantador e não percebo por que razão fiquei eu até hoje do lado de fora de uma coisa tão bonita e tão amável. Fique a saber, meu caro senhor, que, tal como hoje estou aqui à sua frente, me sinto extraordinariamente habilitado a vender os livros da sua loja, tantos livros quantos o senhor desejar. Sou um vendedor nato: galante, pressuroso, cortês, veloz, lacónico, lesto a decidir, exímio nos cálculos, atento e honesto, mas não honesto ao ponto da estupidez, como talvez possa parecer. Sei baixar os preços quando tenho à minha frente um estudante que não tem onde cair morto e sei subir os preços para assim prestar um favor aos ricos, de quem apenas posso supor que por vezes não sabem o que fazer ao dinheiro. Sendo ainda tão jovem, julgo no entanto ser bom entendedor da alma humana, e além disso gosto de pessoas, por diferentes que sejam, e é por isso que nunca porei esta minha finura psicológica ao serviço de fins fraudulentos, mas menos ainda me ocorrerá prejudicar o seu excelente negócio por excessiva consideração para com certos pobres diabos. Em suma, na balança das vendas, o meu amor ao próximo ficará elegantemente equilibrado com a razão comercial, parecendo-me a última tão importante e necessária para a vida como uma alma cheia de amor. Saberei manter a justa medida, pode o senhor ter disso a certeza.»

O livreiro olhou para o rapaz com atenção e espanto. Parecia não saber se o seu bem-falante interlocutor lhe tinha deixado ou não uma boa

impressão. Não era capaz de formular um juízo, sentia-se um tanto confuso e, no seu embarço, perguntou brandamente: «Será que posso obter informações acerca de si, meu rapaz, em lugar idóneo?» O interpelado respondeu: «Em lugar idóneo? Não sei o que quer o senhor dizer com “lugar idóneo”! Parece-me mais conveniente que o senhor não se informe acerca de mim em lado nenhum. Quem haveria de o informar, e isso de que serviria? Dir-lhe-iam toda a espécie de coisas acerca de mim, mas bastaria isso para o sossegar a meu respeito? O que ficaria o senhor a saber sobre mim se lhe dissessem, por exemplo, que venho de boas famílias, que o meu pai é um homem respeitado, que os meus irmãos são valorosos e promissores, e que eu próprio tenho bastante préstimo, que sou um tanto inconstante mas que ainda assim mereço alguma esperança, que em certa medida se pode confiar em mim e assim por diante? Não ficaria a saber nada acerca de mim e não teria nenhuma boa razão para me admitir na sua livraria como vendedor. Não, meu caro senhor, essas indagações por regra não valem um tostão e, se é que posso dar um conselho a um homem mais velho, sugiro que as ignore, pois se eu estivesse predisposto e inclinado a enganá-lo e a defraudar as esperanças que, sustentado por essas informações, o senhor depositasse em mim, o faria tão mais prontamente quanto mais elogiosas fossem as ditas recomendações, que só mentiriam caso dissessem bem de mim. Não, meu caro senhor, se pensa fazer uso dos meus serviços, então peço-lhe que mostre mais coragem do que os outros patrões com quem até hoje lidei e que me contrate simplesmente graças à impressão que eu agora lhe transmito. Além disso, e para dizer a verdade com grande franqueza, as informações a meu respeito seriam todas elas depreciativas.»

«Não me diga. E então porquê?»

«Depressa abandonei todos os meus trabalhos», continuou o rapaz, «porque não me aprouve deixar que as minhas jovens forças azedassem em escritórios apertados e bafientos, ainda que, na opinião de todas as pessoas mais velhas, estes fossem os escritórios mais cobiçados, como sejam as agências bancárias, por exemplo. Até hoje ainda não fui expulso de nenhum lado, saí sempre pelo simples prazer de sair, deixei cargos e profissões que prometiam uma carreira e sabe Deus mais o quê, mas que me teriam matado se eu ali permanecesse. Regra geral, onde quer que eu tenha estado, sempre lamentaram a minha saída e condenaram a minha conduta e agouraram-me um futuro sombrio, mas também sempre tiveram a decência de me desejar boa sorte para as minhas próximas aventuras. Aqui na sua loja (e a voz do rapaz ganhou uma súbita candura), senhor livreiro, sem dúvida que serei capaz de permanecer anos a

«fio. Em todo o caso, tudo leva a supor que será boa ideia conceder-me uma oportunidade.» O livreiro disse: «A sua franqueza agrada-me, vou deixá-lo trabalhar na minha loja oito dias à experiência. Dê provas do seu valor e da sua vontade de ficar aqui mais tempo e depois logo falamos.» E com estas palavras, que ao mesmo tempo serviam para dispensar por ora o jovem candidato, o velho senhor carregou na campainha eléctrica, ao que, como se soprado por uma rajada de vento, surgiu um homem de óculos, enfezado e envelhecido.

«Mostre a este rapaz o que ele deverá fazer!»

Os óculos assentiram. E foi assim que Simon se tornou ajudante de livreiro. Simon, é verdade, assim se chamava o rapaz.

Por esta altura, um dos irmãos de Simon, que morava na capital do cantão, onde era um homem ilustre, o Dr. Klaus, preocupava-se com a conduta do seu irmão mais novo. Era um bom homem, recatado e escrupuloso, que gostaria de ver os seus irmãos, à semelhança dele próprio, o mais velho, a encontrar uma posição sólida e respeitável na vida. Não era, porém, exactamente esse o caso, pelo menos até agora, na verdade, o contrário é que se verificava, e a tal ponto que o Dr. Klaus começou a reprimir-se vivamente. Dizia para si mesmo, por exemplo: «Caber-me-ia a mim, por todas as razões, levar os meus irmãos ao bom caminho. Até agora falhei. Como pude eu descurar este dever e etc.» O Dr. Klaus tinha inúmeros pequenos e grandes deveres, e por vezes dava a impressão de ansiar por mais deveres ainda. Era uma daquelas pessoas que, por estrita necessidade de cumprir deveres, se precipitam num edifício quase a desmoronar-se de tantos deveres, com medo que lhes escape um único, secreto e quase imperceptível. Passam largas horas de desassossego por causa desses deveres por cumprir, não lhes ocorre que um dever sobre-carrega sempre aquele que o cumpre com um novo dever e julgam que estão já a cumpri-lo quando se inquietam e apoquentam com a sua existência sombriamente pressentida. Intrometem-se em vários assuntos que, sabe Deus, em nada lhes diriam respeito caso se abstivessem de reflectir preocupadamente sobre eles, e além disso têm gosto em ver os outros igualmente atormentados. Costumam olhar com inveja para aqueles que vivem despreocupados e livres de deveres, apodando-os de levianos por andarem na vida com tanta graça e com a cabeça leve e erguida. O Dr. Klaus forçava-se muitas vezes a usufruir de uma modesta despreocupação, mas acabava sempre por regressar aos seus deveres cinzentos e turvos, que o enfeitavam e encarceravam como uma prisão sem luz onde

ele suspirava. Talvez que em tempos, quando era ainda rapaz, ele tivesse tido vontade de cometer uma infracção, mas faltava-lhe a força para atirar para trás das costas o que quer que se parecesse com um dever premente e para continuar caminho com um sorriso de desdém. Desdém? Ah, mas ele nunca desdenhava de nada! Imaginava que a simples tentativa de desdenhar o rasgaria de alto a baixo e que se lembraria sempre com grande mágoa do objecto do seu desdém. Nunca desdenhou de nada, e perdeu a sua juventude a pôr em ordem e a investigar coisas que não teriam merecido ser investigadas, examinadas, amadas e respeitadas. E assim foi envelhecendo, e porque não era inteiramente desprovido de fantasia e sensibilidade, muitas vezes se recriminava severamente por ter falhado o dever de ser um bocadinho feliz. Eis um novo incumprimento, e apenas provava de forma exemplar que mesmo as pessoas mais escrupulosas nunca conseguem cumprir todos os seus deveres, mais ainda, que são sobretudo elas quem muitas vezes ignoram os seus deveres mais importantes para só mais tarde, porventura tarde de mais, se lembrarem de novo deles. O Dr. Klaus sentia-se uma vez por outra infeliz consigo mesmo quando pensava na delicada felicidade que lhe escapara, a felicidade de se ver unido a uma jovem e bonita rapariga, que naturalmente descenderia de uma família irrepreensível. Por esta altura, enquanto pensava com desgosto sobre a sua vida, escreveu ao seu irmão Simon, que amava sinceramente e cuja conduta o inquietava, uma carta que rezava mais ou menos assim:

Querido irmão, parece que não queres escrever nada acerca de ti. Talvez as coisas não te corram bem e por isso não escrevas. Estás de novo, como já tantas vezes no passado, sem uma ocupação permanente e sólida, como fiquei a saber com grande pesar meu, e para mais da boca de estranhos. De ti, ao que parece, já não posso esperar notícias sinceras. E isso magoa-me, acredita. Com tantas coisas que agora me desagradam, também tu, de quem eu tanto esperei, vens agora ensombrar o meu estado de espírito, que por variadas razões não é dos mais animados? Ainda tenho esperança, mas se estimas o teu irmão, não deixes que eu espere de balde. Faz, por uma vez na vida, qualquer coisa que permita aos outros, a respeito disto ou daquilo, acreditar ainda em ti. Tens talento e uma cabeça clara, ou pelo menos eu gosto de imaginar que sim, de resto és também inteligente, e tudo o que dizias sempre reflectiu a bondade que eu desde sempre soube se esconde na tua alma. Mas nesse caso, sabendo tu como funciona o mundo, por que razão és tão inconstante, por que razão estás sempre a saltitar de uma coisa para a outra? Não ficas tu próprio inquieto com este teu comportamento? Tenho de concluir que és for-

te, para conseguires suportar estas permanentes mudanças de emprego que nunca levarão a lado nenhum. No teu lugar, há muito que eu teria desesperado. Realmente, quanto a este ponto não te entendo, mas precisamente por esta razão não abandono a minha esperança de um dia te ver energeticamente dedicado a uma carreira, depois de teres aprendido por experiência própria que sem paciência e boa vontade não se obtém nada no mundo. E tu sem dúvida quererás obter alguma coisa. Ou pelo menos não te imagino completamente desprovido de ambição. O meu conselho é este: persevera, dedica-te três ou quatro anos a um trabalho exigente, obedece aos teus superiores, prova que és um homem capaz mas também um homem de carácter, depois verás abrir-se diante de ti um caminho que, se tiveres vontade de viajar, te conduzirá por todo o mundo conhecido. O mundo e os homens darão a ver uma face inteiramente diferente quando fores realmente alguém, quando fores importante. Deste modo, segundo creio, encontrarás mais satisfação na vida do que o homem sábio que, mesmo conhecendo todos os fios que prendem a vida e as acções dos homens, permanece enclausurado no reduzido mundo do seu gabinete, onde ele próprio muitas vezes, como posso assegurar por experiência própria, não se sente à vontade. Ainda vais a tempo de te tornares um excelente e brilhante vendedor, e nem imaginas até que ponto um vendedor tem a oportunidade de transformar a sua vida numa vida fundamentalmente cheia de vida. Assim como agora és, apenas te arrastas pelos cantos e brechas da vida: isso tem de parar. Talvez devesse ter intervindo mais cedo e ajudado mais com actos e menos com palavras de incentivo, mas não sei, orgulhoso como és, com um orgulho que se ajuda sempre e apenas a si próprio, se calhar mais depressa te ofendia, em vez de te convencer. Como ocupas tu agora os teus dias? Conta-me o que fazes. Talvez eu mereça, depois de me inspirares tantos cuidados, que comeces a ser mais falador e aberto comigo. E eu, que espécie de homem sou eu para que alguém evite aproximar-se de mim com desembaraço e confiança? Tens medo de mim? Há em mim qualquer coisa que queres evitar? Talvez a circunstância de ser eu «o mais velho» e de saber talvez mais coisas do que tu? Pois bem, fica então a saber que gostaria de ser outra vez jovem e cabeça no ar e ignorante. Não me sinto tão contente como deveria, querido irmão. Não sou feliz. Talvez seja tarde de mais para ser feliz. Cheguei agora a uma idade em que um homem que não tenha ainda o seu próprio lar não consegue pensar sem a mais dolorosa nostalgia nos felizardos que conhecem o encanto de ver uma jovem mulher a cuidar da sua casa. Amar uma rapariga, irmão, como é belo. E foi-me negado... Não, não precisas de ter medo de mim, sou eu quem te